

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

UMA AQUISIÇÃO PRECIOSA DO MUSEU DE "MARTINS SARMENTO". O "TESOURO DE LEBUÇÃO".

SEVERO, Ricardo

Ano: 1957 | Número: 67

Como citar este documento:

SEVERO, Ricardo, Uma aquisição preciosa do Museu de "Martins Sarmiento". O "Tesouro de Lebução". *Revista de Guimarães*, 67 (3-4) Jul.-Dez. 1957, p. 417-442.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Uma aquisição preciosa do Museu de «Martins Sarmiento»

(o «Tesouro de Lebução»)

O dia 1 de Outubro do corrente ano foi assinado pela Sociedade Martins Sarmiento como data verdadeiramente jubilosa para a Instituição: — as colecções do seu Museu foram, nesse dia feliz, enriquecidas com uma preciosidade de extraordinário valor, especialmente de um valor estimativo, artístico, histórico e arqueológico incalculável!

Deu-nos nesse dia a honra da sua visita a esta Sociedade o Snr. Dr. Raphael Falcão Leite, filho do cientista, diplomata e homem de Estado que foi o falecido Professor da Academia Politécnica do Porto Dr. Duarte Leite, com o fim de fazer entrega ao nosso Museu, por generosa oferta dos actuais representantes da Família do saudoso Arqueólogo e Engenheiro Ricardo Severo, de duas preciosas jóias arcaicas, de ouro, e fragmentos de uma terceira, que constituem o célebre «Tesouro de Lebução», descrito num estudo notável incluído a págs. 1 a 14 do 2.º volume da famosa Revista *Portugália*, que se publicou no Porto, de 1899 a 1908 e hoje constitui uma autêntica raridade bibliográfica.

O Snr. Dr. Raphael Leite, genro do falecido Engenheiro Ricardo Severo, e residente em São Paulo (Brasil), aproveitou a ocasião da sua recente vinda a Portugal para, em seu nome e no dos restantes membros da Família daquele insigne Arqueólogo, desempenhar-se da incumbência, que segundo as suas próprias palavras, classificou de «agradável e honrosa», da entrega à Direcção desta prestigiosa Sociedade daquelas valiosíssimas jóias, produto de

uma milenária indústria de ourivesaria, em que os nossos antepassados proto-históricos foram hábeis artífices e primorosos artistas.

Pertenceram estas jóias, aparecidas casualmente em fins de 1899, na freguesia de Lebução, concelho de Valpaços (Trás-os-Montes), a Ricardo Severo, que em 1900 as adquirira por compra ao seu possuidor, e as conservara durante todo o resto da sua vida, passando, após o seu falecimento em São Paulo, à posse de seus legítimos herdeiros. Estes, por sua vez, numa resolução de pura benemerência, tão louvável como rara nos tempos actuais, e de compreensão do valor essencialmente científico de objectos desta natureza, como do lugar que devem ocupar para que se tornem úteis e possam ser permanentemente facultados ao estudo dos investigadores — quizeram depositar, a título definitivo, o «Tesouro de Lebução» no Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento ⁽¹⁾. Qual a razão da preferência concedida a este Museu? É que a formosa dádiva representa também uma homenagem à memória do sábio Martins Sarmento, que foi um dos melhores amigos e mentor espiritual desse grupo de quatro estudiosos, então ainda jovens, mas todos eles de uma inteligência brilhante, invulgar cultura, e notável actividade científica, fundadores e redactores da *Portugália*, que se chamaram Ricardo Severo, Rocha Peixoto, Fonseca Cardoso e José Fortes.

(1) Aqui ficam exarados os nomes dos Ex.^{mos} herdeiros de Ricardo Severo, Filhas, Genros e Nora, aos quais pertencia, em comum, o «Tesouro de Lebução», agora oferecido ao Museu da Sociedade Martins Sarmento. Com prazer renovamos publicamente, nas páginas desta Revista, os agradecimentos da nossa Instituição a tão generosos oferentes, que são as Ex.^{mas} Senhoras e Senhores:

D. Isabel Severo Lebeis e seu marido Sr. Armando Lebeis; D. Elisa Severo Oliveira Germano e marido Sr. Dr. João Osório de Oliveira Germano; D. Madalena Severo Brioschi e marido Sr. José Brioschi Júnior; D. Laura Dumont Severo; D. Maria Severo Lopes, viúva do filho de Severo, José Severo da Fonseca; Sr. Ernesto de Seara Cardoso, viúvo da filha de Severo, D. Francisca Severo Seara Cardoso; e D. Maria Severo Leite e seu marido Sr. Dr. Raphael Falcão Leite, que, em nome de todos, foi o portador das valiosíssimas jóias.

Estas jóias, que constituem no seu conjunto o «Tesouro de Lebução», não devem considerar-se simplesmente objectos mais ou menos valiosos, que vieram enriquecer materialmente o Museu de «Martins Sarmento». Muito mais do que isso, têm elas o extraordinário valor de serem exemplares raríssimos da nossa ourivesaria primitiva, os quais, sem o menor exagero, ficariam bem e seriam considerados peças notabilíssimas em qualquer dos mais completos e afamados museus arqueológicos do mundo! Especialmente o magnífico bracelete que faz parte do tesouro é uma peça verdadeiramente original, única e incomparável, pela extraordinária variedade, riqueza, delicadeza de execução e perfeição dos motivos decorativos nela gravados, que lhe ornamentam toda a superfície. Esta formosíssima *armilla* constitui, só por si, na expressão de Severo corroborada pela do sábio Leite de Vasconcelos, «um verdadeiro museu!» (Vide *Portugália* cit., II, p. 4; p. 425 do presente tomo da *Rev. de Guimarães*; e *O Arch. Port.* XI, p. 349).

É pois evidente que o Museu da Sociedade Martins Sarmento, do qual me honro de ser actualmente o modesto director, ficou excepcionalmente valorizado com tão importante aquisição.

Do «Tesouro de Lebução» foi dada notícia descritiva e documentado estudo científico, como dissemos, nas páginas da *Portugália*. Teve esse primoroso trabalho por autor o próprio possuidor das jóias, Ricardo Severo. Julgamos, por isso mesmo, absolutamente oportuno e útil reeditar esse estudo na *Revista de Guimarães*, órgão da Sociedade a cujo museu estes preciosos objectos foram agora oferecidos. Prestamos deste modo uma expressiva homenagem a Ricardo Severo, transcrevendo aqui o seu artigo, pois apesar de publicado há mais de meio século, ainda hoje as conclusões de tão notável trabalho de investigação arqueológica e histórica podem considerar-se, de um modo geral, exactas no seu conjunto. E, se este escrito de Ricardo Severo é suficientemente conhecido de todos os que se consagram ao estudo da arqueologia portuguesa, outro tanto não sucede naturalmente com os menos

versados neste campo de trabalhos científicos. A estes, muito especialmente, interessará sem dúvida conhecer em pormenor o que vale e representa o «Tesouro de Lebução».

O erudito e magistral artigo de Ricardo Severo, que, portanto, em seguida aqui damos, reproduzido na íntegra do citado volume da *Portugália*, foi somente modificado na sua ortografia antiquada, que actualizamos, de harmonia com o Vocabulário da Academia, a cujas regras a nossa Revista obedece. Nem todas as gravuras que na *Portugália* acompanham o artigo foi possível reproduzir presentemente com o mesmo aspecto gráfico; mas, em compensação, as novas fotogravuras das jóias que na *Revista de Guimarães* agora se publicam, não são menos perfeitas, nem menos exactas do que as dadas na célebre Revista portuense.

M. C.

O Tesouro de Lebução (*)

(Trás-os-Montes)

POR RICARDO SEVERO

Compõe-se o Tesouro de Lebução de algumas peças incompletas de muito remota ourivesaria, e são: uma *armila* de folha de ouro, dois *torques* fragmentados e mais pedaços de uma *manilha* com guizos: peso total em ouro, 459,9 gramas.

Pelo carácter indeterminado da descoberta, mal pareceria que com esta notícia se desse início à nossa secção de memórias originais; melhor se arrumaria na seguinte secção de *Vária*. Todavia, o valor raro do tesouro e a riqueza da sua ornamentação, que dele faz verdadeira preciosidade de museu, instigaram-nos a inaugurar com tal somenos notícia o tomo II da nossa publicação, e talvez que por intenção de estética decorativa, estimando abrir o novo volume da nossa obra com material de particular mérito ilustrativo e de subido valor real.

(*) Vide *Portugália*, Porto, vol. II (1905-1908), págs. 1-14.

Apareceram estes objectos na freguesia de Lebução, que fica no concelho de Valpaços, distrito de Vila Real, situada umas 4 léguas ao Nascente de Chaves. Cuidava-se aí de cavar o terreno de uma vinha e ocasionalmente estas peças surgiram ao cimo, soltas na terra revolvida. De princípio nenhum aprêço se lhes ligou, pois mais pareceram simples brinquedos de latão; apercebido, porém, que foi o ouro de seu fabrico, recolheu-as àvidamente o proprietário, e desde logo começaram a correr mãos de ourives e gananciosos intermediários desde Chaves até à Capital. Por um bendito acaso, e devido aos bons officios de um amigo dedicado, consegui examinar completamente o rico achado em fins de 1899; entretanto, só em 1900 ⁽¹⁾, um ano depois, e em seguida a uma dilatada campanha contra a desconfiança e exigência dos negociadores, me foi dado adquirir a maioria e melhoria do valioso achado ⁽²⁾.

(1) Vid. local de *O Primeiro de Janeiro*, de 20 de Dezembro de 1900.

(2) Devo a Bernardino de Campos a notícia desta descoberta e a aquisição dos objectos. Era então seu depositário o negociante Paulino de Melo que os recebera de Benjamim Leite, de Chaves. Cautelosamente me foi occultado o local e circunstâncias da descoberta, e assim o nome do proprietário. Apontava-se desde começo — como processo de negócio certamente, que não como um facto — a existência de um concorrente espanhol que comprava os objectos por exagerada quantia a fim de irem para o país vizinho e de aí até Londres, onde parariam em mãos de um tal *inglês* apreciador, que paga milhares de moedas por estas e muitas outras coisas de confuso valor. Os jornaleiros da cavada, dizia-se ainda, reclamavam do proprietário o seu direito ao terço do valor do achado. Esse valor, porém, é que nunca se fixou no bastante; tratava-se de *ouro*, e ouro antigo, com todo o deslumbramento das suas lendas subterrâneas!

Em ajustes, e a regatear, consumiu-se mais de um ano. Enfim, e graças ainda à dedicação de Bernardino de Campos consigo a aquisição das peças agora aqui representadas. Quando julgava prudentemente afastada toda a possível concorrência, e quando havia de realizar o pagamento, em conformidade com anteriores compromissos, surgem ultimamente exigências várias e um novo concorrente; para o satisfazer houve que dispensar o corpo de um *torques* e mais uns pequenos fragmentos que pertenciam à *armila* principal. Descon-

É curioso que a mesma indeterminação envolve muitas destas preciosas descobertas, tanto aqui como em outros países, sempre que não resultem de explorações em regra científica; notar-se-á que em todos os casos a sólida desconfiança do ignorante paisano ou a cobiça do astuto coleccionador resistem por igual a todas as instâncias de rigorosa investigação em desinteressado benefício dos estudos nacionais. É um mal, que os progressos do saber não evitam que só rigorosas leis eficazmente remediariam; só a lei poderá, de facto, considerar todos estes documentos como bens nacionais inalienáveis pois que cada qual, muito embora ilustrado e patriota, os toma como seus próprios, de todo o direito.

Não me foi possível apurar todas as circunstâncias particulares da descoberta, e, embora perguntadas pessoas da localidade, não se averiguam indícios de que fossem encontrados dentro de sepultura estes adornos, como poderia supor-se, admitindo o caso muito verosímil de uma necrópole ou sepulcro isolado, onde bem estavam, situados junto ao cadáver, como enfeites fúnebres ou insígnias honorárias. E antes parece inferir-se de todo o demorado inquérito que

fiou-se de que fôsse em maior quantidade o tesouro. Não o pude verificar então; passado tempo, porém, vi em poder do Dr. Leite de Vasconcelos para o Museu Etnológico Português, os fragmentos que me haviam sido requisitados; felicito-me, pois desta sorte existe entre nós na sua totalidade o lote que desde o começo examinei, e que considero exacto, constituindo em seu todo o achado de Lebução.

Nota da Redacção da «Rev. de G.»:

É justo que aqui se acrescente o que, em alusão à nota supra de R. S., escreveu o Dr. Leite de Vasconcelos, a pág. 349 do vol. XI (1906) de *O Arch. Port.*: «A p. 2, nota 2, dá o Sr. Severo a entender que eu me interpus às negociações em que entrou para a compra do tesouro. Conquanto eu nenhuma dúvida tivesse de, no limite das minhas posses, concorrer com ele em qualquer compra, aqui, porém, fiz para o Museu Etnológico aquisição de dois fragmentos da armila, não só sem saber que havia um concorrente, mas mesmo ignorando que existia o resto do objecto. O negócio foi tratado por mim com uma pessoa do Porto, por intermédio do Sr. Joaquim Henriques, negociante estabelecido em Lisboa».

se trata do achado ocasional de objectos, os quais foram propositadamente enterrados em qualquer cova ou esconderijo, cujo possuidor morrera, pois não parece que facilmente fosse esquecido ou perdido um tal lote de ouro, quando já então este metal tinha categoria de preciosidade.

Várias e imaginosas hipóteses poderiam com maior ou menor verosimilhança explicar o achado, ligando-o à novela do provável possuidor e dos povos que trespassaram o país nessas épocas revoltas de misteriosa história. Não é próprio aventá-las; estudaremos tão somente o que há de verdade, isto é, os objectos que constituem o Tesouro de Lebução.

ARMILA ⁽¹⁾. — Está representada esta peça nas est. I e II. É construída de ouro com espessura média de um milímetro, tendo de largura (segundo a altura da peça) 75 mm., enrolada circularmente com o diâmetro mínimo de 85mm. e máximo de 108mm.; o seu peso é de 107,5 gramas; o ouro é do toque de 0,662 em liga de prata, sem cobre, e apresenta-se de textura quebradiça, impossibilitando o restauro a frio. Assim a conservo, pois que a avaria nela

(1) Emprego a denominação *armilla*, que é romana e em seu sentido especial; entretanto, o termo tem no geral significação comum: braceletes ou anéis trazidos como ornamentos nos braços ou pernas. A maneira latina dir-se-ia *brachiale* quando para uso do antebraço; os romanos diferenciavam ainda o *torques brachialis* com o nome de *spinter*, quando para o braço esquerdo, e *dextrocherium* ou *dextrale*, quando para uso da mão ou braço direito. Em latim e grego as designações são consoante a forma e seu uso. Vid. DAREMBERG & SAGLIO, *Dictionnaire des Antiq. Grecques et Romaines*, voc. *Armilla*, I, págs. 435 a 37.

O ilustre linguista DR. LEITE DE VASCONCELOS reivindica para o vocábulo nacional *xorca* esse sentido geral. No *Archeologo Português*, vol. II, pág. 20, diz: «*Xorca* pode pois empregar-se em sentido geral, mantendo cada uma das outras significação especial: *torques*, do pescoço; *armilla*, da parte superior do braço; *bracelete*, *pulseira* e *manilha* na significação vulgar que tem».

Veja-se também: J. DE S. R. VITERBO, *Elucidario*, etc., ed. de 1798, voc. *Axorca* ou *Xorca*: pulseiras de prata, à maneira de argolas, que as mulheres no Oriente de África trazem no braço e pés por cima do calcanhar».

notada não prejudica o aspecto geral da peça, e deste modo se evitam os inconvenientes e risco da cozedura necessária para atenuar a tẽmpera rĩgida do metal. A reconstituição seria, de resto, fãcil de completar-se.

O contorno exterior da peça ẽ o prõprio dos braceletes feitos de uma sõ lâmina, de forma anular, secção cõncavo-convexa. Sã sempre superfĩcies de geração circular e secção de faces paralelas quando em folha ou chapa metãlica, lenticulares ou de secções segmentãrias do cĩrculo quando maciças ou fundidas. E esta ẽ a constituição elementar geométrica destes pequenos sõlidos de revolução em argolas ou aneis comuns de vãrio uso.

No caso presente a forma ẽ de muita originalidade, lembrando a sobreposição de aros, alternadamente cõncavos e convexos, como se fora a combinação simétrica de aneis variando de diãmetros, ou a figura que representaria uma corda enroscada em torno do antebraço ⁽¹⁾. Este perfil encontra-se na combinação dos mais antigos moldes de braceletes, feitos de folhas de bronze (abertas ou arrebidadas aos topos), com as formas onduladas de perfis cĩlĩndricos ou cõnicos.

O nosso bracelete ẽ um exemplar acabado e perfeito desta combinação, realizando uma forma mais complexa e de maior efeito ornamental, pois melhor realçaria o efeito do brilhante metal nas ondulações salientes, sobressaindo dos sombreados cõncavos intermédios. E o artista quis assim ressaltar os arabescos ornamentais de seu desenho, applicando-os em evidência sobre os cordões salientes, bem emoldurados pelas faixas lisas reintrantes. Aqui se nota tambẽm, como em muitas outras obras de antiga ourivesaria, a exacta apropriação

⁽¹⁾ Hã um objecto de corda aparentando igual contorno, que ẽ apetrecho comum das embarcações; e usa-se tambẽm com tal forma, em terras de França, de uma espẽcie de cesto, que em locução *angoumoisine* se chama *bourgne*. Vid. H. HAVARD, *Dictionnaire de l'Ameublement*, I, pãg. 381. Ambos apresentam o mesmo contorno geométrico.

das formas e medidas ao destino e uso do objecto, a justa adaptação da ornamentação, o sentimento estético do conjunto, dos efeitos e recursos do material, em perfeito acordo com a técnica do seu trabalho.

As estampas I e II que expõem a armila, dispensam que mais insista na sua descrição. Explicar-se-à a estampa III na qual, estão planificados e reduzidos à sua rigorosa expressão geométrica, os desenhos que ornamentam os aros paralelos da armila. Vêm-se aí 16 desenhos, e tantas são as combinações que nos mostra o objecto. As duas primeiras séries *a, b, c, d, e*, e *a', b', c', d', e'*, estão aí segundo a mesma disposição em que se encontram no braçal; as outras têm vária situação e apresentam-se como distintas combinações e motivos, pois algumas se repetem em toda a peça. No original estão gravados estes desenhos em superfícies curvas, sobre as quais se deformam em projecção ou perspectiva; na nossa estampa planificaram-se, como os executaria o próprio artista em seu projecto ou esboço, sobre uma lâmina recta; e assim se observou a uniformidade e simetria própria da ornamentação geométrica, na qual linear perfeição está a sua única feição estética.

Sob este ponto de vista a armila de Lebução é um verdadeiro museu; e mais completo seria difícil de obter, quando mesmo se cuidasse a preceito de conglobar numa série de estudo os motivos decorativos que a singela linha recta pode produzir, sobre si, ou combinada com o círculo. Os dois elementos fundamentais do primitivo desenho decorativo encontram-se aqui fixados nas suas múltiplas e definidas combinações. São como dois símbolos errantes da mais remota antiguidade e da maior vastidão. E tanto que não constituem, por si, motivos de classificação; não são elementos arqueológicos, como siglas de um artista ou de uma época, marcando precisamente uma origem, uma data, um carácter artístico ou étnico. São elementos de carácter universal, no tempo e nos povos; representam como factos etnográficos de primigénia fórmula, ora um uso nas suas expressões simples e grosseiras, como entre os *primitivos* de

hoje, ora em arranjos de imaginosa combinação nos arabescos complexos, labirintos, entrelaços, rosáceas, etc., que sempre compuzeram artistas heterogêneos em épocas afastadas e distintas. Do seu carácter de conjunto e dos incidentes etnográficos concorrentes falar-se-à a seguir, que talvez do seu todo se infira um carácter.

Vejamos agora, e cotejando a par e passo a estampa II, como aqui se nota o primeiro e mais simples arranjo das linhas rectas, as paralelas cruzando-se em xadrez a formarem um retículo de pequenos losangos; o desenho de n.º 14 apresenta este motivo como principal, o de n.º 8 fazendo de cercadura. Este arranjo elementar encontra-se desde os começos da Idade da Pedra, nas primeiras tentativas de ornamentação sobre objectos de barro ou de osso; mais tarde fixa-se a punção e escopro sobre utensílios e adornos de bronze e ferro; é o mais antigo, o mais singelo e o mais duradouro motivo ornamental.

A linha quebrada em ziguezague, ou formando filas de bicos (*chevrons, dents de loup*) é também um motivo que nos vem desde épocas arqueológicas. No mobiliário pré-histórico do nosso país são muito comuns estes rudimentares ornatos, compostos de riscos cruzados, bicos de serra, triângulos e losangos, alinhados como aqui em faixas paralelas; a numerosa série de *placas de xisto* ornamentadas, provenientes das grutas e dólmenes do Sul, fornece-nos quantidade de exemplares típicos, e muitas outras mais peças de mobiliário, persistindo pelos tempos fora, até civilizações muito posteriores e actuais. A propósito cumpre lembrar, e desde já fica citado para todo este processo de confronto, o interessante quadro organizado pelo nosso colega Rocha Peixoto com a decoração linear das actuais louças populares do Prado, publicado no tomo I desta obra ⁽¹⁾. O seu ilustre autor justamente encontra que os elementos

(1) ROCHA PEIXOTO, *Ethnographia Portuguesa, Indústrias Populares, As olarias de Prado*, in *Portugalia*, t. I, pag. 247, fig. 37.

ornamentais observados «são em grande parte comuns aos primeiros passos do ornamento geométrico em muitos povos de civilização atrasada».

Exemplifica-se este motivo de linha em zig-zague disposta em listéis paralelos no desenho de n.º 10; a combinação das estreitas faixas em linha quebrada com as séries de bicos, ora recheadas de pontuações, ora lisas, produz os exemplares de n.ºs 1 e 7, repetidos como acessório em 8 e 12; nestes quatro últimos casos o vértice do ângulo modifica-se pela aposição de uma pequena marquinha de círculos concêntricos. Este diminuto motivo, formado de dois e mais círculos concêntricos em torno de um ponto, é muito vulgar na ornamentação de louças e objectos de metal em épocas muito remotas. Isoladamente, constituindo grupos decorativos e apenso ao *chevron*, predomina nos ornatos dos mobiliários próprios de necrópoles das primeiras idades do ferro, em Hallstatt ⁽¹⁾, na Itália do Norte ⁽²⁾ (Bolonha, Este, Vilanova, etc.), na Suíça (Toussen), no Vale do Ródano ⁽³⁾, etc. É curioso que de entre os enfeites deste período, como berloque suspenso de vários adornos (Hallstatt) ou de asas de cistas (Côte d'Or, *tumulus* de Magny-Lambart) aparece o triângulo com o círculo terminal recortado em chapa metálica, cheia ou vasada (fig. 1); e o mesmo motivo ornamental se nos mostra em outra significação de ordem simbólica, de certo amulética, entrando de par com os pequenos círculos concêntricos na série mítica genésica ou solar.



Fig. 1

A linha recta ainda, quebrando sobre si em ângulos rectos, compõe, as formas em Γ e $\sqcup$, muito vistas em vários tipos de *gregas* simples e duplas.

(1) DR. E. F. SACKEN, *Das Grabfeld von Hallstatt*. Wien, 1868. Vejam-se as várias estampas.

(2) ÓSCAR MONTELIUS, *La Civilisation primitive en Italie depuis l'introduction des métaux. 1.ère partie, Italie Septentrionale*. Stockolm, 1895.

(3) ERNEST CHANTRE, *Premier Age du Fer (Études paleoethnologiques dans le Bassin du Rhone)*. Paris-Lyon, 1880.

No nosso braçal a grega simples vê-se em os n.ºs 5 e 8. Este motivo encontra-se desde a primeira Idade do Ferro, foi elemento característico da arcaica ornamentação grega, e dominou na arte do velho mundo mediterrâneo; entretanto se seguirmos este ornamento, encontramos o seu uso por toda a parte em vários tempos e países, até ao Norte escandinávico.

Os ornatos com linhas curvas compõem-se aqui de elementos circulares. No desenho de n.º 9, arcos de círculo concêntricos alinham-se em duas filas paralelas que se defrontam, tal como se vê por exemplo em alguns objectos de Hallstatt ⁽¹⁾; trespassando as duas filas de semicírculos depois de deslocadas obtem-se os desenhos de n.ºs 2 e 13; do desenho n.º 9 tira-se pela sobreposição de uma série central de círculos a forma n.º 4, que não é também original, como se vê em um vaso de *terre noire lustrée* de um *tumulus* de Ploerneur (Morbihan) ⁽²⁾; constitui-se um ornato floral de quatro pétalas que deve incluir-se na série das rosáceas. Este motivo repete-se na *pedra formosa* da Citânia de Briteiros ⁽³⁾, semelhantemente à ornamentação de um ossuário de Creta, e aí também, constituindo a cruz de Malta ladeada pelo tríscolo.

Uma série de círculos concêntricos cortando-se, presos pelos seus centros ao longo de uma recta, produzem o desenho de n.º 15, deixando figuras de contorno lenticular, em modo de uma série de fusos ou lançadeiras (*navettes*). Com quartos de círculos compõe-se as figuras de n.ºs 3 e 6, a primeira em forma de trança ou entrelaço; de igual composição mostra uma faixa a folha de ouro de Eygenbilsen ⁽⁴⁾ (Gaule Belgique).

(1) DR. E. F. SACKEN, Op. cit., taf. x, 6 e taf. XII, 1.

(2) PAUL DU CHATELIER, *La poterie gauloise aux époques préhistorique et gauloise en Armorique*, 1887, pl. 16, fig. 7.

(3) F. MARTINS SARMENTO, *A arte mycenica no Noroeste da Península*, in *Portugalia*, t. I, pág. 1 (cabecalho), pág. 11, figs. 15 e 16.

(4) E. CARTAILHAC, *L'Or Gaulois*, in *Revue d'Anthropologie*, 1889, pág. 290. — Vid. também *Matériaux pour l'Histoire de l'Homme*, etc., t. XII, pág. 403.

Pela justaposição de círculos se consegue também a fita entrelaçando-se como nas figuras 12 e 16, em liso sobre fundo pontuado ou vice-versa. Produz-se por maneira elementar este curioso motivo de múltiplas aplicações como elemento architectónico decorativo e em muitas outras produções de artes plásticas; encontra-se sobre objectos das primeiras idades do ferro, entre a ornamentação geométrica de estilo micénico, em vasos de tipo greco-arcaico, em artefactos etruscos, itálicos e em outros muitos de muito várias procedências. Entre nós, destaca-se primitivamente em pedras lavradas de Sabroso e Briteiros, e se bem quiséssemos marcar onde o predomínio do *entrelaço* como motivo ornamental bem difficil seria, mais arriscado ainda apontar-lhe a origem, atrás da qual por sucessivas comparações arqueográficas haveria que caminhar sem pousada até ao extremo do Oriente clássico.

Temos por fim no desenho n.º 11 a rosácea de 6 lobos ou pétalas constituindo o ornato principal. Neste quadro o artista certamente pretendia incluir quatro rosáceas iguais; falhou-lhe, porém, a repartição dos respectivos espaços, e rematou adaptando o raio do último círculo à grandeza do espaço que lhe restava; ficou menor essa rosácea. Entremeiavam com os círculos os bicos terminando em redondo, e ladeiam o quadro filas rectas de pequenas marquilhas de círculos concêntricos. A rosácea é o enfeito dominante, de primeira importância, e colocou-a o habilidoso *aurifex* sobre o cordão central da armila, onde destaca em primeiro plano.

Fecha pois a nossa série decorativa da peça-museu um motivo geométrico que também errou mundo desde remotas eras. Como símbolo floral ou solar, liga-se à série imensamente variada das estrelas, círculos radiados, rodas, cruces simétricas, rodízios, meandros, também ao tríscele e tetráscele. Com intento simbólico, ou mera expressão decorativa, o seu uso pode considerar-se em todo o sentido universal. Pareceu característico da ornamentação etrusca, mas em tanta evidência se encontra também pelos desenhos decorativos egeanos ou micénicos, e um pouco por toda a parte em produtos de civili-

zações e épocas as mais diversas. Não poderemos tomá-lo como elemento característico; em concorrência com determinados outros desenhos geométricos, tal como no caso presente, aproximar-nos-emos da arte representada nas necrópoles da Europa Central e Ocidental das primeiras idades do ferro. Entre nós encontramos este ornamento em pedras insculpidas provenientes da Citânia de Briteiros, em destaque, na já nomeada *pedra formosa* ⁽¹⁾.

Averiguado está pela resenha anterior como da análise parcelar dos quadros decorativos nada podemos concluir sobre o estilo próprio da armila. Tere-mos, como tem sido enunciado, que considerar o objecto em seu todo, pela impressão geral e pelo sentimento do seu conjunto. Assim deverá ser em face de produções de uma arte em certo estágio de progredimento, pois que estes motivos ou componentes basilares são aqui, como os elementos infinitésimos da matéria, de carácter *uno*, universal. Entretanto, da fórmula a que obedeceu o seu arranjo para constituir um todo, poder-se-ão destacar algumas permissas de racional lógica; assim, a disposição decorativa em zonas de paralelos, a ornamentação rigorosamente geométrica, a preferência de certos motivos lineares, o processo de fabrico, todos estes factos nos prepararão aspectos e caracteres, amparando mutuamente o processo comparativo do seu estudo.

Parece, portanto, que devemos situar-nos no começo das idades metálicas — ao tempo do ferro, como se verificará — e começar de aí revendo as respectivas produções artísticas de mais evidente afinidade. Desde logo deparamos com a ornamentação zonada, de elementos lineares, proveniente de períodos anteriores, que caracteriza as louças encontradas nos nossos *castros* e *cidades*; rebuscando, aqui se encontram sobretudo os motivos geométricos, predominando o xadrez, o bico de serra e o losango,

(1) F. MARTINS SARMENTO, *A arte mycenica no Noroeste da Península*, in *Portugalia*, t. 1, págs. 7 e 8, figs. 8, 9 e 10.

também as filas de pequenas marquilhas circulares; e como exemplo de curiosa persistência de certas fórmulas artísticas, temos entre outros factos etnográficos, o caso, já citado ⁽¹⁾, das actuais olarias populares reproduzindo hoje na sua primitiva ingenuidade os mesmos singelos motivos de decoração linear.

De entre as peças de ourivesaria clássica pouco há que estudar entre nós, porque poucas são. Em Portugal a maioria de alguns achados de similares tesouros tem desaparecido. Entretanto, de um certo número há notícia, constando no geral de objectos indeterminados, como os presentes, quanto às circunstâncias de jazida. Para acompanhar a armila de Lebução temos de primeiro os dois braceletes de Évora ⁽²⁾, vendidos a um ourives que os fundiu, de um dos quais ficou o desenho feito pelo Dr. Rívara; constam de lâminas abertas de ouro, de 22 quilates, a maior (do peso de um marco menos uma oitava) foi certamente um braçal, o menor (de oito onças e seis oitavas) devia ter sido uma manilha; são do tipo do bracelete gaulês do *Tumulus des Mousselots*. A *Xorca de Penela* ⁽³⁾ de ouro maciço, com o considerável peso de 1.950 gramas, é ornamentada com linhas cruzadas, dentes de serra e losangos. O *Colar da Penha Verde* (Sintra) ⁽⁴⁾ também maciço, com 1.260 gramas, é constituído por três aneis desiguais, soldados nas extremidades, com labores geo-

(1) ROCHA PEIXOTO, Op. cit., in *Portugalia*.

(2) *Boletim da R. Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes*, t. VII, 1894, pág. 6.

(3) E. CARTAILHAC *Les Ages préhistoriques dans l'Espagne et le Portugal*, pág. 297. — *Boletim da R. Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes*, t. IV n.º 5 — F. MARTINS SARMENTO, *A argola encontrada em Penella* in *Noticias de Penella*, 1886, pág. 227 e seg.; e a propósito do mesmo achado pág. 191 e seg.

(4) G. PEREIRA, artigo in *Boletim da R. Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes*, t. VII, 1896, pág. 77. — Vid. DR. L. DE VASCONCELOS, in *O Archeologo Português*, vol. II, 1896, n.º 1, pág. 17 e seg.

métricos de linhas entrecruzadas e dentes de serra. É aberto, mas tem fecho de girar como a argola de Penela; junto aos extremos estão de cada lado umas campânulas fixas, como meias esferas ocas, que fazem lembrar metades de qualquer guizo ou *crotale*, enfeite visto em jóias da época do ferro como no brinco do Tumulus des Mousselots, por exemplo.

De entre todos, se não pelo peso do ouro, mas pela quantidade de seus labores, destaca-se a armila de Lebução, como exemplar único e excepcional, constituindo verdadeiro quadro sinóptico da primitiva ornamentação geométrica. Todos os mais achados de ourivesaria pré-histórica nacional constam de objectos faltos de valor artístico, no geral maciços e de rara ornamentação.

De braços com similares enfeites encontramos exemplares num album já citado de E. Chantre ⁽¹⁾, provenientes de necrópoles e túmulos, em que o autor encontra afinidades com braceletes do vale do Reno, da Suíça (Toussen), do Wurtemberg (Metzstetten); e além dos braceletes, as folhas de bronze laminadas e estampadas apresentam a mesma decoração zonada e geométrica. Em Hallstatt ⁽²⁾ especialmente predominam estas lâminas estampadas, como um dos característicos desta riquíssima estação. Pelas necrópoles italianas encontramos a ornamentação zonada; não se encontram todavia braceletes de semelhante aspecto. A forma especial desta armila, parece ter sido mais usada no centro da Europa, durante as primeiras idades do ferro, ao aproximar-se da época gaulesa, isto é, ao raia dos tempos históricos.

De facto, entre os mobiliários caracteristicamente gauleses encontraremos o maior número de exemplares para confronto. Uma grande banda circular de folha de ouro, que foi encontrada no tumulus de

(1) E. CHANTRE, Op. cit., *Premier Age du Fer*, pág. 13, fig. 1 e pl. IX, pl. XXXVIII, pág. 34, figs. 6 e 7, pág. 52, fig. 14, pl. XXXVI, XXXI, XXVII e XXIV.

(2) E. SACKEN, Op. cit., taf. IX, X e XII, figs. 1 e 3.

Apremont (Haute-Saône) ⁽¹⁾ em sepultura com carro definitivamente gaulesa, tem muitas analogias com o braçal de Lebução. É constituído este objecto por uma folha única, sem soldadura, com o peso de 232 grammas, ornada de linhas e faixas paralelas, de pontuações e de losangos em relevo; a sua reconstituição feita no Museu de Saint-Germain tem merecido justamente algumas censuras, entretanto, a este espécime me reporto em seu estado actual. Num túmulo próximo de Mousselots (Côte d'Or) ⁽²⁾, também em uma sepultura com carro de parada, encontrou o mesmo E. Perron braceletes de folha de ouro com ornamentação em zonas, executada a punção e por martelagem. O mesmo género de ornato se encontra no capacete de Anfreuille (Eure), exposto no Museu do Louvre, construído de ferro, cobre e ouro. Em França, desde o período *hallstadiano* ao *beuvraisyano*, da sua primeira Idade do Ferro, que os objectos de ouro apresentam um carácter especial; são considerados pelos arqueólogos franceses de arte nacional gaulesa, mesmo quando fazem lembrar a elegância e riqueza da ornamentação grega, como nos torques de Lasgraisses ⁽³⁾ (Tarn). Todos estes objectos remontariam ao começo do chamado período gaulês. Pertenciam em parte, aventa um arqueólogo ilustre, aos guerreiros que assaltaram a Itália no IV e III séculos, os quais se apresentavam cobertos de ouro e de uma só vez abandonaram aos Romanos vencedores um espólio de mil e quinhentos torques de ouro! ⁽⁴⁾.

Os povos conhecidos sob a denominação de *Romanos*, desde muito que se enfeitavam de ouro.

⁽¹⁾ EUGÈNE PERRON, *La Motte d'Apremont*, in *Matériaux*, etc., 1880, págs. 337 a 359, pl. X — E. CARTAILHAC, *L'Or Gaulois*, in *Revue de l'École d'Anthropologie*, t. IV, 1889, pag. 283. — A. DE MORTILLET, *L'Or en France*, in *Revue de l'École d'Anthropologie*, t. XII, 1902, pag. 57.

⁽²⁾ *Matériaux pour l'Histoire de l'Homme*, etc., 1882, pag. 187 — E. CARTAILHAC, Op. cit., pag. 284, fig. 8.

⁽³⁾ E. CARTAILHAC, *Les Torques et le Bracelet d'or de Lasgraisses* (Tarn), in *Matériaux*, etc., t. XX, 1886, pag. 182, pl. I e II. — Vid. do mesmo A., Op. cit. *L'Or Gaulois*.

⁽⁴⁾ IDEM, Op. cit. *L'Or Gaulois*, pag. 292.

Diz-se que tal uso tomaram dos Sabinos e Etruscos; de certo, porém, o costume viria já das anteriores populações itálicas aborígenes. Os Etruscos tiveram a fama de usarem excessivos enfeites de metais preciosos; homens e mulheres traziam braceletes nos dois braços. Assim como estes, os Romanos também depuzeram nos túmulos objectos de ouro; a lei das *Doze Tábuas* reprime este abuso, e também a lei *Oppia* (215 a. C.) regulamenta o uso dos enfeites de ouro pelas mulheres. As *armilas* foram usadas como simples adorno e como insígnias *honorárias* ou *profissionais*, *dona militaria*; e chamava-se este distintivo *galbeus* ⁽¹⁾. No século II as *armillae*, *phalerae* e *torques* eram reservadas aos centuriões, sub-oficiais e soldados como *dona minora*, habitualmente de prata e só excepcionalmente de ouro (*armilla aurea*).

Entre os povos peninsulares a ourivesaria vem também de tempos imemoráveis; e isto se sabe através dos autores gregos e romanos que escreveram sobre a Península Ibérica. Não tratando agora das decantadas riquezas metalíferas da nossa terra, muito conhecidas do velho mundo, citaremos, exemplificando o uso das armilas, as estátuas lusitanas do jardim do Palácio da Ajuda e do Museu de Guimarães; a apresentação destes documentos é bastante no que respeita à antiga Lusitânia. O Dr. Leite de Vasconcelos apoia a etimologia do nome *Viriatus*, o herói lusitano, como originada em *viriae* (armilas), pelo mesmo modo que *Torquatus*, proveniente de *torques*; e o facto é que, se fosse possível averiguar quantas *virias* de ouro se têm desenterrado do solo português, a soma bastaria para confirmar o uso local desses adornos, na maioria de construção maciça e grosseira, faltos de arte, enfeitando pela cor brilhante do precioso metal.

Quanto à sua execução, a armila de Lebução apresenta-se-nos como feita de uma só folha de ouro

(1) DAREMBERG & SAGLIO, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, pág. 438, vocábulo «*Armilla*».

soldada nos topos. Não se encontram vestígios da soldadura, mas não hesito em admiti-la, muito embora os conhecidos prodígios da antiga torêutica a não exijam como indispensável. Partindo de uma conta ou de um toro de ouro, conseguiria o velho *aurifex*, martelando e repuxando, pela clássica técnica da *caelatura*, laminar o metal até à forma última da armila. Obras de maior dificuldade foram feitas por este processo, a frio; a curiosa cadeia de aneis chatos tão admirada na Exposição de Amesterdão em 1883 ⁽¹⁾, foi fabricada na Tunísia de uma barra inteiriça por martelagem, sem o emprego da solda. O uso das soldas, porém, é conhecido desde afastados tempos; os Egípcios sabem soldar os metais desde a dinastia XVIII. Em pinturas egípcias vê-se o maçarico ⁽²⁾, utensílio usado nos países orientais muito antes de que os gregos conhecessem os processos de soldar, cujo invento atribuíam a Glaucus de Quios. Schliemann ⁽³⁾ admite que os aurífices micênicos soldavam o ouro com o bórax; e sabido é que o bórax abunda na Ásia Menor e mesmo na Itália Central. Os Etruscos que desde remotas datas eram reputados exímios ourives, fabricaram também as suas jóias de folhas de ouro estampadas, e soldadas; o ouro é sempre trabalhado por martelagem e as superfícies obtidas são ligadas pelos seus bordos e soldadas de forma que apresentam um sólido unido, podendo mirar-se de todos os lados sem se lhe notar vestígios da soldadura ⁽⁴⁾. A maioria das jóias etruscas posteriores ao século VII são executadas por este processo e raras são as peças maciças ou fundidas. Plínio refere-se à antiga mistura conhecida dos romanos pelo nome de *saterna* preparada com *chryso-colla* e que servia para soldar o ouro quando ligado

(1) EUGÈNE FONTENAY, *Les Bijoux anciens et modernes*, Paris, 1887, pág. 485.

(2) DAREMBERG & SAGLIO, Op. cit. *Dictionnaire*, etc. voc. *Coelatura*, pág. 793.

(3) H. SCHLIEMANN, *Mycènes*, trad. par J. GIRARDIN, Paris, 1879, pág. 311.

(4) JULES MARTHA, *L'Art Etrusque*, Paris, 1889, pág. 561.

à prata ⁽¹⁾. Muitos destes processos, e as próprias artes da torêutica, são consideradas por estes autores citados como oriundas da Ásia, por importação. Tanto faz para o nosso caso a longínqua origem oriental; apenas, por estas citações, eruditamente se comprova que a solda é um facto da mais alta antiguidade; nem tanto surpreende, pois, o seu emprego no braçal e também nas outras peças do nosso tesouro, nas cabeças dos torques e nos dois guizos da manilha.

A ornamentação é obtida pela sucessiva aplicação de um trépano, estampando por percussão uma fila contínua de pontuação em pequenos rectângulos; uma série ligada de pancadas produziria uma linha; este processo mais encarece a perfeição do desenho na sua dificultosa aplicação a uma superfície convexa. A nitidez da estampagem denuncia o emprego de cunhos, de trépanos ou punções de ferro de rija têmpera, e este adminículo nos impõe desde logo a situação cronológica da armila em plena Idade do Ferro, quando deste metal se construía tão afinada ferramenta.

TORQUES. — O torque reproduzido na estampa IV compunha-se de três fragmentos, o corpo ou haste em parte, uma das cabeças com um pedaço da haste e a outra cabeça desligada. Adaptando-se exactamente estes três fragmentos, não havia que hesitar na sua reconstituição e assim se executou como mostra a gravura em grandeza natural. Ficou um pouco aberto o aro e menos cintado do que seria primitivamente, porque se temeu forçar demasiado a haste, visto a constituição quebradiça da sua têmpera. O ouro é de toque igual a 0,580, sendo a proporção das ligas de 9 para 1, prata e cobre; o seu peso é de 199 gramas.

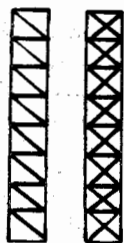
A haste tem 255 mm. e a sua secção, em losango curvilíneo, vai diminuindo progressivamente para as extremidades, tendo no centro o máximo de 8 mm.

(1) DAREMBERG & SAGLIO, Op. cit., pág. 794.

por lado e para as pontas 6 mm.; as faces são ligeiramente côncavas. Foi obtida esta peça por martelagem, a qual é evidente nas marcas de percussão que acusam todas as superfícies. As cabeças são circulares: a sua forma obtem-se pela sobreposição de duas virolas côncavas tampadas nos dois topos por chapas circulares. Não tem ornamentação senão no tampo exterior.

O outro fragmento de torques, encontrado em Lebução juntamente com os anteriores, constava da haste com a dimensão de 300 mm. e de secção igual ao de cima; tinha aderente um pedaço de chapa que constituiria a cabeça, semelhantemente às da estampa IV, mas de modelo diferente. Em duas faces do aro tinha insculpido os desenhos de figs. 2 e 3 feitos a linhas de pontuações contínuas por percussão. Está este fragmento no Museu Etnológico de Lisboa.

O ornato do tampo compõe-se de um entrelaço contínuo formando uma coroa circular, dentro da qual está a rosácea de seis folhas, terminando cada lobo por pequenas marquilhas de círculos concêntricos ligadas por arcos. O trabalho é executado com exímia habilidade, e tal, que apenas umas leves irregularidades de desenho fazem desviar a ideia de um cunho estampando todo o ornato de um só golpe.



Figs. 2 e 3

Já anteriormente se fizeram referências ao enfeite muito comum de entrelaços, e viu-se como tal ornamentação aparecia na Citânia de Briteiros. Aí vamos agora encontrar o símile perfeito da rosácea que enfeita as cabeças do torque; em uma padieira da Citânia repete-se duas vezes este motivo ⁽¹⁾, e é justamente o mesmo que se encontra em objectos de Micenas, reatando a interessante aproximação da arte micénica sempre que se estudam produções artísticas destes antigos povos ocidentais.

(¹) F. MARTINS SARMENTO, Artigo cit. in *Portugalia*, t. I. pág. 8, fig. 9.

Pela toada de escola ou de compêndio, sou levado a considerar *a priori* como *céltico* ou *gaulês* o torques aberto terminando em *tampons*. De facto, esta jóia, fabricada de cobre, bronze, prata ou ouro, aparece em característica abundância nas estações das idades metálicas do vasto país para além dos Pirenéus, onde dominou a civilização que uns chamaram *celta*, outros *gaulesa*. Os exemplares que melhor emparelham o torques de Lebução encontram-se na região limitada pelas cordilheiras dos Pirenéus e dos Alpes.

Este factor entra pois no nosso grupo com uma significação arqueográfica e cronológica de muito valor, a qual se aproveitará em seu estudo de conjunto; é para o nosso processo de investigação um depoimento verdadeiramente elucidativo.

MANILHA. — As duas pequenas peças representadas na est. II-2 considere-as como pertencentes a um adorno de pulso, devido ao seu pequeno volume e às reduzidas dimensões da haste que as ligava; poderiam também ter pertencido a um pequeno torques, para ser usado ao pescoço, o que é pelo visto menos provável. São duas peças ocas; uma delas apareceu esmagada, mas foi restaurada pela outra que estava perfeita; uma pequena areia solta no interior, fá-las tilintar como um guizo ou pequeno *tintinábulo*. Estes ruidosos apensos foram de uso vulgar em objectos de adorno desde mobiliários hallstattianos; ainda hoje se empregam como enfeites ou berloques em várias jóias de mulheres e crianças, e tais como as usaram as bailadeiras de vários povos ou as cortesãs romanas, nos pulsos ou sobre os tornozelos, como os *compes* ou *periscelis*.

São constituídas por peças laminares repuxadas a martelo e soldadas aos topos; o ouro é do mesmo toque que o dos torques anteriormente descritos. A haste da manilha parece feita interiormente de metal de baixa liga forrado de uma fina casquinha (*crusta*) de ouro de melhor toque. O pequeno fragmento que possuo não permite a análise completa, apenas mostra a sobreposição dos dois metais de diversa composição e forma.

Eis finda a resenha das peças que constituem o Tesouro de Lebução. Do seu conjunto parece inferir-se homologias de aspectos, de contextura e de técnica que lhes atribuem uma comum proveniência, como produções da mesma oficina ou do mesmo *aurifex*. É um grupo composto de peças inteiras e partidas; a haste do segundo torques não parece deformada pela natural pressão das terras, e antes que assim fora enterrada junto às demais, como objecto avariado. A coincidência de ligas de igual título e o ar de parentesco lembram que fossem objectos escondidos pelo próprio ourives ambulante. Sabido é que nos tempos homéricos, mesmo ao tempo dos romanos, o artista metalúrgico — *aurarii*, *argentari fabri*, *bractearius*, *coelator*, etc. — era chamado a trabalhar a matéria prima que o rico proprietário lhe fornecia. Leve era então a bagagem desse artista ambulante, assim como a dos caldeireiros de hoje que semelhantemente se vão de terra em terra fazendo soar o tão-tão do seu pregão. Na antiguidade como em tempos actuais repetem-se análogos factos etnográficos, e nem sempre sobrevivências, mas como espontâneos acontecimentos em semelhantes meios de produção.

O conjunto, pois, se pelo carácter elementar da sua ornamentação denuncia uma fase primitiva da arte, não mostra por outras considerações de técnica provir desses períodos iniciais da metalurgia, pois que a soldadura das peças e seu acabamento lhes atribui posterior época de execução. Bem pousei, pois, me parece, mais próximo dos tempos históricos, em época anterior à invasão romana na Península.

Cada qual em seu âmbito etnográfico de estudo tem de olhar os factos circundantes; não há razão pela qual percamos caminho atrás de longínquas origens até essa matriz original de tese idealista. A metalurgia é um facto conexo com a descoberta dos metais industriais nos diversos países; em todo o velhíssimo mundo que rodeia o Mediterrâneo existem, desde tempos que a história não data, minerações e correlativas indústrias metalúrgicas. Qual delas seria a de mais remota origem não nos é dado destrinçar.

A mitologia grega, que nos conta a história heróica dessas nebulosas origens, conduz-nos por enredada via até junto de Rêa, deusa da terra, e de seus servidores os vários génios metalúrgicos: Dáctilos, Cabiros, Coribantes, Curetes e Telquines; o fabuloso mito era colocado dentro de seu templo misterioso, o encantado santuário da Samotrácia, ao centro do arquipélago grego onde mais abundante era a riqueza metalífera. Todavia, o segredo dessa religião, esses afamados *mistérios* da Samotrácia, foram no seu tempo, como ainda hoje são, apenas para iniciados.

Entre nós, no que respeita a antiga Lusitânia, é um facto que se extrairam e trabalharam os vários metais antes do que marca a história fenícia. As riquezas lendárias da Ibéria em metais preciosos foram louvadas por Poseidónios, Estrabão e Diodoro com especial entusiasmo. As minas peninsulares exportavam para os portos fenícios do Mediterrâneo cobre, estanho, ouro e prata. Ao tempo de Plínio as Astúrias, a Galiza e a Lusitânia forneciam anualmente vinte mil libras de ouro; a Turdetânia primava pela abundância do ouro nativo; e neste particular, a propósito das areias auríferas do Douro e Tejo, dizia Silius Italicus: «*Hinc certant, Pactole, tibi Duriusque, Tagusque, ¶ Quique super Gravios lucentes volvit arenas*», (Ed. Nisard, pág. 219).

Tanto ouro aqui não deveria apenas valer como precioso material de exportação, mas também como matéria prima de indústrias e artes plásticas, as mesmas que nos países importadores aproveitavam esses valiosos e raros metais. Não repugnaria, pois, admitir que todos esses objectos de ouro, assim como muitos outros anteriores e posteriores de bronze e prata, fossem de produção indígena; e viu-se que os elementos decorativos dessas velhas jóias por aqui existiram e permaneceram desde as primeiras idades metálicas, através da civilização romana, até mesmo aos tempos actuais. Não obstante, entre o conjunto de produtos das artes e indústrias nacionais ou peninsulares, estes objectos destacam-se como espécimes exóticos de estranha configuração, com caracteres próprios, afastando-se da série de homo-

logias e afinidades que constituem os modelos integralmente ibéricos.

Outra versão de equivalente verosimilhança atribuiria estas jóias, cujo estilo gaulês foi apontado a qualquer das invasões celtas ou gaulesas; arqueologicamente tanto poderiam ser as do 5.º e 4.º séculos anteriores à era de Cristo como as de outros séculos posteriores. Os romanos, desde as primeiras vitórias contra os bárbaros dessa *Gallia aurifera*, estabeleceram o uso de se apoderarem das suas rutilantes armas e jóias que de começo os deslumbraram. A jóia gaulesa fora uma das mais apreciadas insígnias honoríficas. Os ricos adornos de Lebução poderiam também ter vindo a quando as milícias romanas que primeiramente haviam atravessado o país gaulês. Dentro do próprio período romano o Tesouro de Lebução ficaria ainda bem classificado, sem forçar demasiado o sentido cronológico e arqueológico.

Com proposital insistência, porém, em todo este escrito se puseram em relevo os caracteres de similaridade que existem entre os ornamentos e formas destas jóias e outras provenientes de estações caracteristicamente gaulesas. Não representa este confronto mais do que uma opinião perante este incidente arqueológico que se nos apresenta de tal sorte indeterminado. O *torques* especialmente forçou este ponto de vista, como a princípio confessei. Mas, não concluindo, e apenas formulando uma hipótese, sob argumentos de justa consideração, persistirei na indicação desse *estilo gaulês*, enquanto não encontrar melhor interpretação deste facto e de outros que considero correlativos em ordem arqueológica e etnológica.

O elemento étnico de *tipo gaulês*, que se encontra nos cemitérios de Alcoutão requer ainda uma cabal verificação antropológica; e também a influência de *elementos nórdicos*, que se esboça entre as estatísticas antropométricas levantadas sobre a actual população portuguesa, não está perfeitamente demarcada.

Escasseiam elementos completos para uma fórmula etnológica que integre e explique este conjunto de factos de aparente concordância, que por vias diversas de investigação a Arqueologia e a Antropo-

logia nos apontam. Entre nós vai atrasado este estudo. A civilização céltica não está perfeitamente caracterizada entre as multiformes civilizações peninsulares, as autóctones e as estrangeiras; assim também, no confuso mapa das populações que ocuparam a velha Ibéria, mal se delimitam as áreas tipicamente gaulesas, célticas ou celtibéricas. Por métodos vários de ciências distintas se tem caminhado bastante no esclarecimento do problema céltico; todavia, em rigor científico, não é ainda a ocasião de concluir.

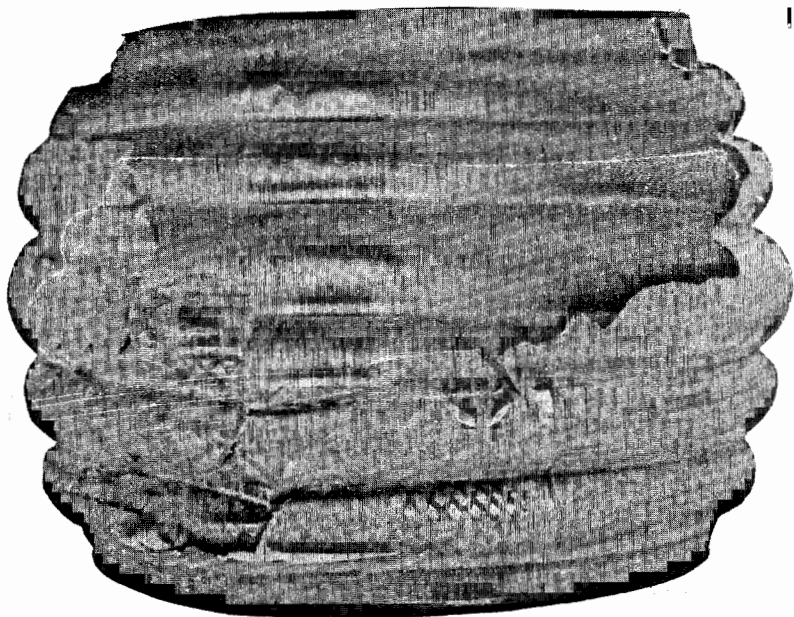
Est. I



A armila do Tesouro de Lebução

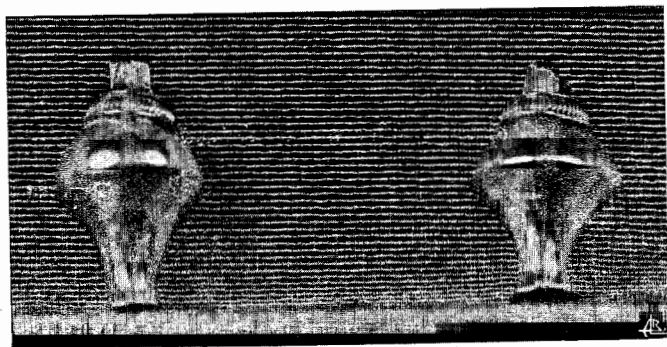
(Tam. nat.)

Est. II



1 — *A parte fracturada da armila*

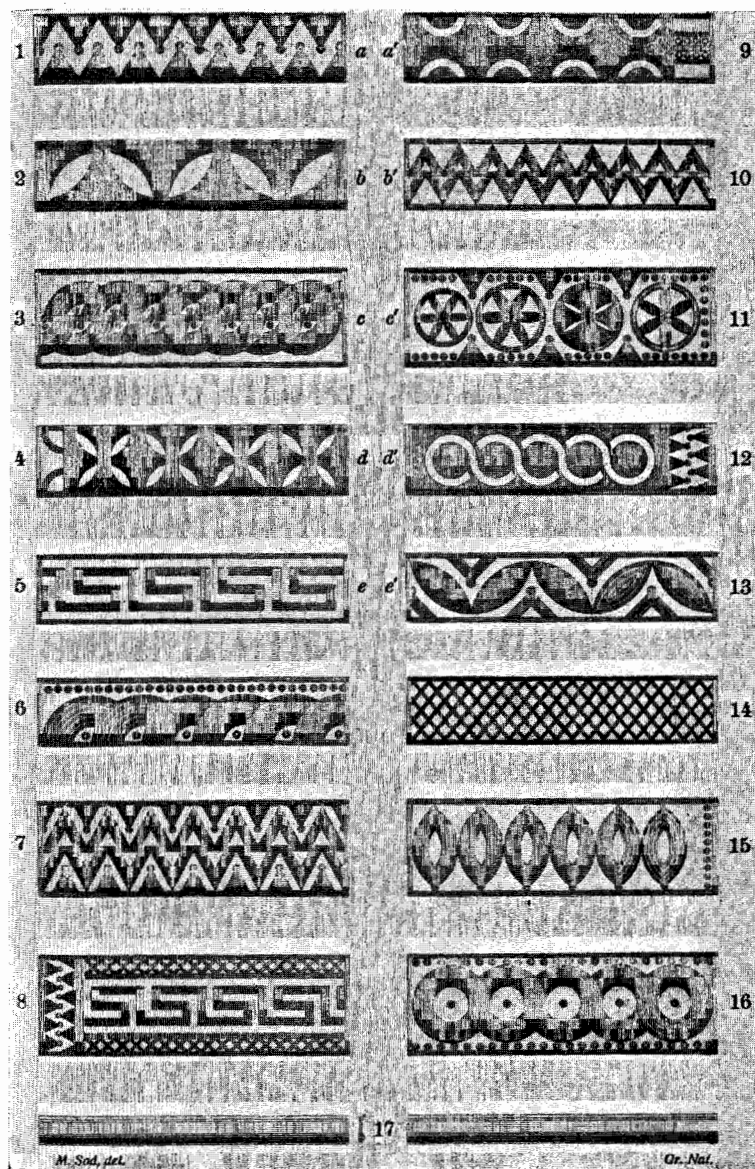
(Tam. nat.)



2 — *Os dois remates terminais da manilha*

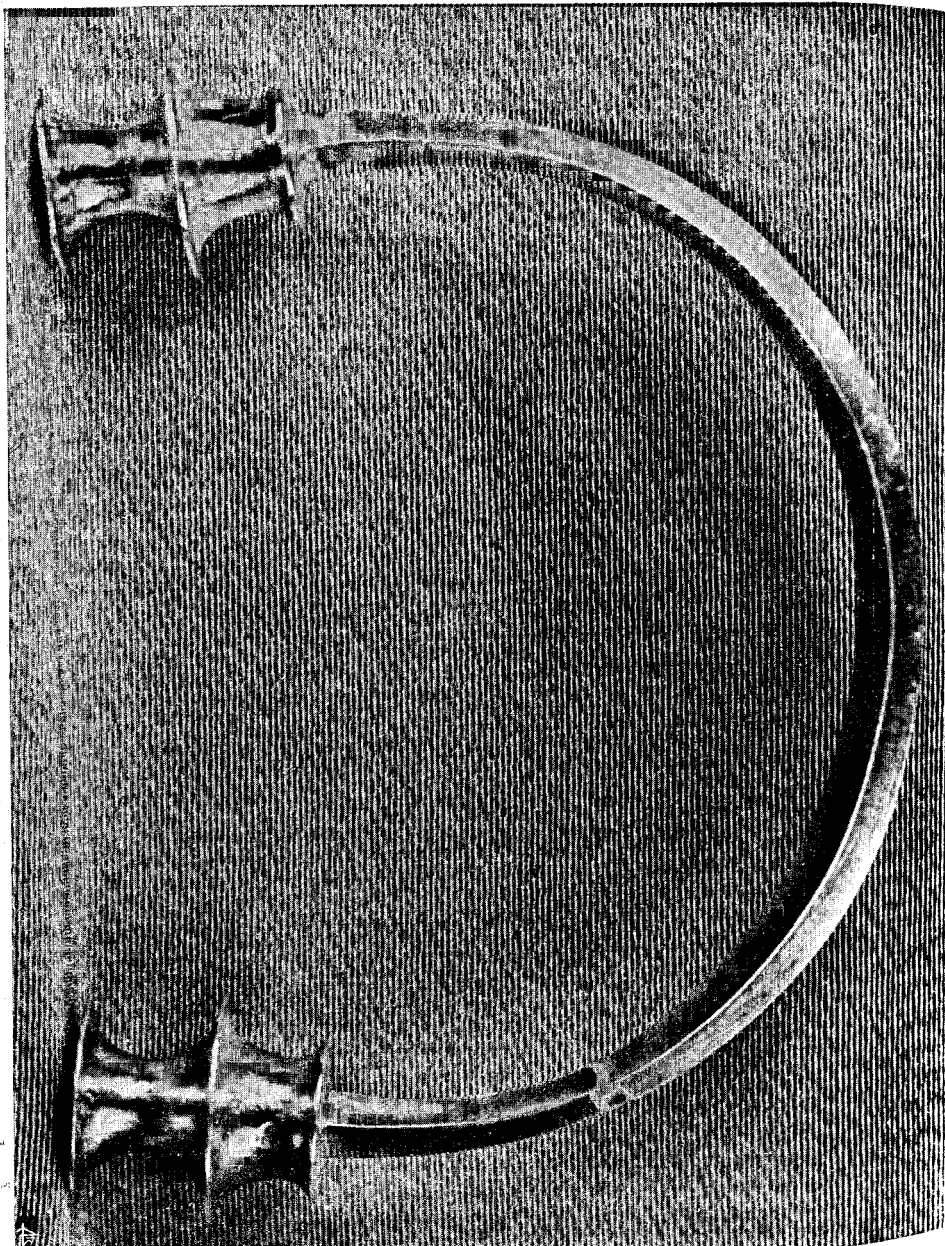
(Tam. nat.)

EST. III



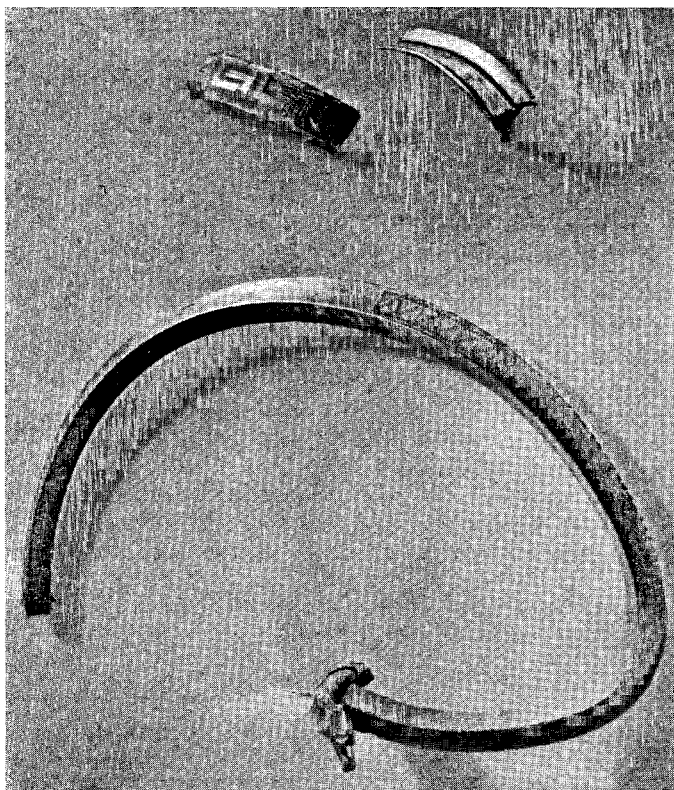
«Motivos» decorativos planificados, que ornamentam a superfície da armila.

EST. IV



O torques do Tesouro de Lebução

(Tam. nat.)



Fragmentos no tamanho natural de peças do Tesouro de Lebução, que foram adquiridos pelo Museu Etnológico de Lisboa (ver nota 2 de pág. 421).

(Fotografia inédita obsequiosamente cedida pelo Director do Museu, Prof. Dr. Manuel Heleno).